

**A GEOGRAFIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA EM CAMPINA GRANDE-PB: ALGUMAS
CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA
GEOGRAFIA**

*GEOGRAPHY SCHOOL IN PERCEPTION OF STUDENTS OF A PUBLIC
SCHOOL IN CAMPINA GRANDE-PB: SOME METHODOLOGICAL
CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING OF GEOGRAPHY*

Jacicleide Gomes da Silva Montenegro

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande – Paraíba – Brasil
cleide_montenegro1@hotmail.com

Antônio Pereira Cardoso Silva Filho

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande – Paraíba – Brasil
tonycardoso.geo@hotmail.com

RESUMO

A Geografia tem por objeto de estudo o Espaço, logo, é no espaço geográfico que a relação entre sociedade e natureza se fundamenta e se materializa. A compreensão desta interação é de extrema importância para a efetiva formação crítica e consciente dos cidadãos. Desta forma, o ensino da disciplina, principalmente no ensino médio, deve ser abordado de maneira que tal relação seja compreendida e abrangida de forma satisfatória. Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar a percepção dos alunos concluintes do ensino básico, acerca da Geografia, enquanto disciplina, em uma escola pública na cidade de Campina Grande – PB. Especificamente, busca-se identificar as principais dificuldades no processo ensino aprendizagem, classificar os conteúdos destacados como os mais e menos importantes e avaliar a maneira que os alunos percebem as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola e pelo professor de Geografia. Para tal, a pesquisa foi realizada utilizando o método qualitativo, através de questionários que foram aplicados a população total de alunos do terceiro ano do ensino médio, nos três turnos de funcionamento do estabelecimento educacional. Como resultados, constatou-se que para a maioria dos alunos, o ensino dos mapas está diretamente ligado a Geografia, assim como a globalização. A falta de aulas práticas e o uso exclusivo do livro didático foram apontados como causa para a dificuldade na aprendizagem e, por fim, a atuação do professor, em relação às práticas pedagógicas foi considerada satisfatória pela maioria dos alunos, em contraponto a atuação da escola, nesta mesma questão, não foi bem avaliada pelos alunos.

Palavras-chave: Geografia escolar; Alunos; Ensino de geografia.

ABSTRACT

Geography has as object of study the space, so it is in the geographic space that the relationship between society and nature is based and materializes. Understanding this interaction is of utmost importance to the effective critical and conscious training of citizens. Thus, the teaching of discipline, especially in high school, should be addressed so that this relationship is understood and covered satisfactorily. Thus, this article aims to analyze the perception of concluding elementary school students, about geography as a discipline in a public school in the city of Campina Grande - PB. Specifically, it seeks to identify the main difficulties in the learning process, sort the highlighted content as more and less important and assess the way students perceive the pedagogical practices developed by the school and the Teacher of Geography. To this end, the survey was conducted using quantitative and qualitative method, through questionnaires that were applied to the total population of the third year of high school students in three-shift operation of the educational establishment. As a result, it was found that for most students, the teaching of maps is directly linked to geography, as well the globalization. The lack of practical classes and the exclusive use of the didactic textbook were identified as cause for difficulty in learning and, finally, the teacher's performance, in relation to pedagogical practices, was considered satisfactory by most students. In counterpart the school performance, for this same issue, was not well evaluated by the students.

Keywords: School geography; Students; Geography teaching.

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua efetivação como disciplina escolar a Geografia vem passando por constantes mudanças. A busca por paradigmas norteadores continua atual na academia e em diversos encontros de geógrafos em todo Brasil. Até os dias atuais, a Geografia sofre os resquícios de uma base tradicional, marcada pela memorização e descrição de fatos e fenômenos, na qual os alunos eram tratados como meros ouvintes e não apresentavam nenhuma participação efetiva no processo ensino-aprendizagem. Hoje, é sabido que o ensino desta disciplina pode ser dinâmico no sentido de despertar no aluno o desejo pelo conhecimento, e o professor, utilizando seu poder de mediador, é indispensável na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos.

Percebendo-se a importância do saber geográfico como fonte para se alcançar o conhecimento, fez-se necessária a busca por respostas concretas com quem vive a Geografia no dia a dia escolar. Assim, o presente estudo é de grande relevância pois tem como propósito verificar porque e se ainda existe a visão deturpada acerca da Geografia, relatada durante longo tempo como sendo uma disciplina meramente descritiva e decorativa, buscando desta forma contribuir para posteriores ajustamentos nas práticas de ensino da Disciplina.

Diante do exposto, busca-se investigar como os alunos concluintes do ensino básico percebem a Geografia, de forma a se conseguir respostas para algumas questões como: Quais as principais dificuldades enfrentadas por eles no processo ensino aprendizagem da Disciplina? Como eles percebem as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor? Quais os conteúdos destacados como os mais e menos importantes? Qual a participação da escola na efetivação do aprendizado dos alunos? Tais questões forneceram respaldo para se chegar a um resultado satisfatório e assim, desmistificar o conceito errado sobre a mesma nesta escola.

Sendo assim, a pesquisa é de grande relevância social e científica. Social, pois visa analisar os principais problemas relacionados ao aprendizado dos alunos, em relação a disciplina Geografia. Científica, já que a mesma poderá ser usada como pressuposto para futuras correções no método de ensino da ciência geográfica.

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a percepção dos alunos concluintes do ensino básico acerca da Geografia, enquanto disciplina, para desta forma, classificar os conteúdos considerados como os mais e os menos relevantes na opinião dos estudantes, identificar as maiores dificuldades detectadas pelos alunos no processo de ensino/aprendizagem, e por fim, avaliar a percepção dos mesmos sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola e pelo professor da Disciplina.

O local escolhido para a efetivação do estudo foi uma Escola Pública Estadual situada na zona urbana da cidade de Campina Grande – Paraíba. A referida pesquisa seguiu algumas etapas detalhadas a seguir, além desta introdução, dos resultados e da discussão.

Na primeira etapa, fez-se necessário resgatar a evolução da Geografia, desde o período pré-científico, passando pelas principais correntes do pensamento geográfico, para que desta forma se entendesse o caminho percorrido pela Geografia até sua efetivação como ciência e como matéria escolar. A segunda etapa relata os procedimentos metodológicos utilizados para a efetivação da pesquisa, a qual utilizou-se do método qualiquantitativo, através de questionário formulados seguindo a forma semi estruturada. O método adotado para avaliar as respostas foi a análise de conteúdo, buscando assim, compreender de forma mais satisfatória e completa a mensagem contida no discurso dos estudantes. A terceira e última etapa, corresponde aos resultados alcançados com o estudo, bem como sua correspondente interpretação e discussão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A GEOGRAFIA ENQUANTO CIÊNCIA: AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA TRADICIONAL

A curiosidade sempre esteve presente no imaginário humano, o desejo e a necessidade de desbravar novos caminhos e conhecer o mundo a sua volta contribuíram para chegarmos à riqueza de informações que temos na atualidade. A Geografia se reporta à Grécia antiga na qual estudiosos buscavam aprimorar e deverficar as áreas do conhecimento. Estrabão, considerado o criador da Geografia (MOREIRA, 2009), foi um dos primeiros estudiosos a fazer relatos escritos de suas viagens, o que deu origem a obra de 17 volumes intitulada “Geographique” a qual tem seus primeiros escritos datados do século II d. C. (SILVA, 2010).

Tais relatos eram feitos desconectados e não atendiam a uma ordem que pudesse caracterizar a Geografia, já que englobavam diversos ramos do conhecimento. Era necessário conhecer de fato a real extensão do planeta, o que só foi possível com a expansão marítima e comercial, por volta do século XV, fato que possibilitou dominar e aperfeiçoar as rotas e fortalecer as relações comerciais que ganham força e, mais tarde, a Geografia passa a atender os interesses do capitalismo.

A Geografia demorou a se constituir como ciência já que estava bastante ligada ao cotidiano das pessoas, só a partir do século XIX, com o aprofundamento dos estudos conduzidos pelos alemães Alexander Von Humboldt e Carl Ritter é que esta disciplina ganha *status* científico. Neste período a Alemanha buscava alcançar o desenvolvimento através de sua consolidação territorial, é neste momento que surge “a geografia alemã e o seu caráter de uma visão integrada do todo da realidade do mundo”(MOREIRA, 2009, p.9).

Mas, embora compartilhando o mesmo pensamento, Humboldt e Ritter seguem caminhos opostos. O primeiro considera a Geografia ligada a natureza em si como um todo, sendo objeto para observação, já o segundo dedicou-se ao estudo das semelhanças e diferenças na relação entre natureza e homem, destacando mais a primeira. Mais tarde, ganha destaque Friedrich Ratzel que “toma por princípio a visão integrada de Humboldt e Ritter, mas para ver na relação política, não na paisagem orgânica da superfície terrestre, o dado integrador” (MOREIRA, 2009, p.11). Ratzel desenvolve a ideia do Determinismo, onde o homem é condicionado ao ambiente em que vive, este determinando sua capacidade de prosperar.

Nas décadas finais do século XIX a escola francesa surge em contraponto às teorias da escola alemã, Paul Vidal de La Blache, maior representante, não aceita inteiramente que o meio seja determinante para a vida dos homens, e segundo Moraes (2005, p. 24) La Blache:

Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. Observou que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem busca as soluções para satisfazê-las nos materiais e nas condições oferecidos pelo meio. Neste processo, de trocas mútuas com a natureza, o homem transforma a matéria natural, cria formas sobre a superfície terrestre[...].

É então que ganha ênfase o Possibilismo, o homem tem o poder de transformar o meio em que vive em busca de melhorar suas condições. Embora tenha modificado o pensamento geográfico com a ideia do Possibilismo, a escola francesa esbarra no fato de não focar as relações sociais ao permanecer com uma visão naturalista.

Após um longo período sem grandes mudanças, depois das teorias do Determinismo da escola alemã e do Possibilismo da escola francesa, ganha destaque a escola norte-americana através dos estudos de Alfred Hettner, geógrafo alemão, que “vai propor a Geografia como a ciência que estuda “a diferenciação de áreas”, isto é, a que visa explicar “por quê” e “em que” diferem as proporções da superfície terrestre” (MORAES, 2005, p. 31). Essa ideia ganha respaldo a partir da década de 1930, quando Richard Hartshorne trabalha com mais ênfase tal questão, originando-se o Método Regional.

Estas escolas englobaram a chamada Geografia Tradicional baseada no positivismo, o qual diz que “os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem ao cientista, o qual seria mero observador” (MORAES, 2005, p. 7). Tal visão simplificada, não cabia mais frente a novos paradigmas e, a partir da década de cinquenta, constata-se uma grande mudança no modo de pensar a Geografia.

2.2 DA NOVA GEOGRAFIA A GEOGRAFIA NOVA: A RUPTURA METODOLÓGICA E ASCENSÃO VALORATIVA

A Geografia Tradicional entra em declínio, o que de certa forma traz benefícios, como acorda Moraes (2005, p.34) quando diz que “Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados. [...]. Esta crise é benéfica, pois introduz um pensamento crítico [...]” Tais mudanças se intensificaram após a Segunda

Guerra mundial, fato que proporcionou alterações no processo de industrialização ocasionando grandes transformações no meio urbano, levando a um aumento considerável no número de habitantes nas cidades, assim como também no meio rural, com o advento de novas técnicas agrícolas, e pelo surgimento de ferramentas, a exemplo do computador e das tecnologias da informação.

Buscava-se agora um novo significado e objeto para a Geografia que da forma tradicional não atendia as pretensões que agora emergiam. Intensifica-se um movimento de renovação da Geografia que se deu por dois cursos: a Nova Geografia (Quantitativa) e a Geografia Nova (Crítica).

A Nova Geografia (Quantitativa) surge a partir da década de 1950, e fundamentou suas bases nas técnicas matemático-estatísticos para interpretação dos dados coletados. A Suécia, os Estados Unidos, e a Grã-Bretanha se destacaram nesta área com as contribuições de Torsten Hagerstrand, Alfred Weber e Walter Christaller, e David Harvey, respectivamente (ANDRADE, 2008). A Geografia Quantitativa se firmou no que era pertinente à época para tentar explicar as diferenças geográficas, baseada agora no neopositivismo, o qual muda “[...] da descrição, apoiada na observação de campo, para as correlações matemáticas expressas em índices” (MORAES, 2005, p. 37). Mas, ao utilizar tais dados matemáticos para analisar, isoladamente os fatos, a Geografia perde um pouco de sua essência já que deixa de relacionar o homem e a natureza.

Ao que parece, a Geografia Quantitativa surge como uma forma de criar aparatos para fortalecer o poder capitalista, que buscava se consolidar, visando aumentar cada vez mais os lucros. Deste modo e com pouca intervenção direta do Estado, cresce a economia de mercado, causando legitimidade a monopolização capitalista, na qual crescia a exploração do trabalho, em que o homem passa a ser visto apenas como um facilitador para alcance de metas, e em que o Estado capitalista apenas disfarçava os problemas reais da sociedade.

Todo esse movimento foi uma suposta tentativa de sistematizar a ciência geográfica, mas a Nova Geografia passa um período de forte crítica por vários autores que não concordam com o embasamento superficial da mesma, considerando-a ineficaz no sentido de refletir e explicar os fenômenos sociais e históricos (FARJARDO, 2010).

A Geografia Nova (Crítica), movimento que ganha força a partir da década de 1970, entra como uma resposta a tal tentativa de dominação do Estado capitalista sobre o homem. Os agentes desta corrente “[...] se posicionam por uma transformação da realidade social [...] propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam

a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem” (MORAES, 2005, p.42). Os autores que contribuíram para a propagação da Geografia Crítica foram Yves Lacoste, Milton Santos, entre outros.

De acordo com Corrêa; Castro; Gomes (2012, p. 23) a Geografia Crítica foi “fundada no materialismo histórico e na dialética” e marcada por debates entre geógrafos marxistas e não-marxistas, buscando se chegar a um consenso. Neste momento o Espaço Geográfico passa a ser visto como palco para as lutas sociais, testemunhando processos históricos do passado e do presente (SANTOS, 2004). Tantas discussões fortaleceram o movimento crítico, pois todos concorreram para um ponto comum, o aperfeiçoamento na prática do ensino da Geografia. Vale salientar que existe uma linha tênue entre as várias correntes geográficas e sua divisão não se deu de forma repentina, nem tampouco definitiva, já que até os dias atuais se verifica vestígios de uma e de outra, em que todas perpetuam sua parcela de contribuição para a efetivação da Geografia.

3 HISTÓRICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

A Geografia brasileira tem uma história peculiar, já que se estabeleceu primeiro como matéria escolar quando, em 1837, o Imperial Colégio Pedro II, fundado no Rio de Janeiro, adotou o ensino desta Disciplina. O mesmo era considerado referência, fato que mais tarde colaborou para implantação do ensino da Geografia em outras escolas. Adotou o modelo de ensino europeu e no caso da Geografia, especificamente, o francês de Vidal de La Blache. (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2006).

O método adotado para o ensino da Geografia seguiu o modelo vigente para a sociedade da época, no qual era utilizado enciclopedismo, em que sua base era a memorização o que “[...] contribuiu para a abstração [...] ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a memorizar” (BRABANT, 1998, p. 19).

Os primeiros cursos superiores de Geografia só foram instituídos na década de 1930 na Universidade de São Paulo – USP (1934) e na Universidade do Distrito Federal – UDF (atual UFRJ – 1935), e o quadro de professores vindos para lecionar no Brasil era formado por docentes de tendências tradicionais trazendo forte influência da escola francesa. Outras medidas como: a fundação da Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB – 1934); a constituição do Conselho Nacional de Geografia e a criação do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE – 1937) propiciaram a consolidação e a efetivação da Geografia escolar brasileira (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2006).

Durante a década de 1970, o ensino da Geografia passa por uma grande reformulação, assim como outras matérias, em que foram estabelecidos os Estudos Sociais que compreendia em seu programa o ensino concomitante da História e da Geografia, e que “[...] assumiram o papel de diferentes áreas do conhecimento e, na prática, descaracterizam conteúdos específicos, [...] por ser superficial e ter um papel disciplinador” (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2006, p. 2688).

Após incansáveis discussões, em 1979, a Geografia retoma o direito de ser ministrada individualmente (MARQUES, 2008). Já durante meados da década de 1980, após o fim da ditadura militar, ocorreu uma maior abertura política, o que reascendeu o debate por novos paradigmas para o ensino da Geografia.

Logo o modelo de ensino tradicional, no qual induz exageradamente a memorização e descrição, passa a ser bastante questionado e discutido, o que o faz perder forças. Esse movimento, condicionado a preocupação das escolas geográficas de outros países, deu evidência a Geografia Crítica, pautada no pensamento de Yves Lacoste e Milton Santos. Entendia-se que esta Geografia era capaz de formar um cidadão consciente e ativo nas questões sociais.

O modo de ensino, agora, deveria se adaptar a esta nova percepção, em que o aluno deve ser visto como peça fundamental no processo ensino-aprendizagem e o professor, ciente de sua capacidade de mediador, deve conduzir seu fazer pedagógico de maneira diferenciada atentando para questões sociais e para a formação crítica do cidadão. Conforme adverte Libâneo (1994, p. 89-91):

O ensino, assim, é uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação ativa como atividade autônoma e independente do aluno. [...] A unidade entre ensino e aprendizagem fica comprometida quando o ensino se caracteriza pela memorização, quando o professor concentra na sua pessoa a exposição da matéria [...]. Essa atitude não faz parte do sentido que temos dado ao papel de dirigente do professor, pois não leva a empenhar as atividades mentais dos alunos.

Assim, o professor é convidado a assumir uma nova postura, fundamentado nos novos parâmetros do ensino da Geografia, buscando despertar no aluno a curiosidade pelo mundo a sua volta, trazendo uma reflexão às questões sociais, para que este se torne parte importante no processo desalienante.

No intuito de retificar o modelo do ensino, passou a ser adotado, em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que são um conjunto de orientações, aos professores, sobre o que e como deve ser ensinado nos níveis fundamental e médio, tendo em vista as modificações ocorridas em todas as vertentes sociais. Os PCNs apresentam-se para atender uma “[...] necessidade de atualização da educação brasileira, tanto para impulsionar uma democratização social e cultural mais efetiva, [...], como para responder a desafios impostos por processos globais [...]” (PCNs, 2002).

Desta forma, houve uma adequação nos métodos de ensino e para alcançar aos resultados as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, foram integradas na área das Ciências Humanas e suas Tecnologias, pois apresentadas desta maneira “[...] não mais se restringem, de fato, ao que tradicionalmente se considera responsabilidade de uma única disciplina, pois incorporam metas educacionais comuns [...]” (PCNs, 2002). A questão interdisciplinar também ganha relevância, sendo reconhecida nos PCNs (2002) como uma prática em que várias disciplinas convergem, de modo que cada uma contribua para a plena construção do conhecimento propiciando a autonomia intelectual dos educandos.

Os PCNs destacam ainda que para o ensino efetivo da Geografia, no ensino médio, o ponto crucial está na compreensão do Espaço, o qual é dinâmico, sendo nele que ocorrem as mais diversas manifestações sociais. Assim, cabe ao professor focar tais aspectos de maneira que atenda a estas orientações buscando garantir que o aluno tenha uma efetiva participação na sociedade.

3.1 AS PROBLEMÁTICAS ENVOLVENDO O FAZER PEDAGÓGICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

É certo que mudanças foram conquistadas, embora em sua maioria estas não se efetivem nas aulas, desenvolvendo-se um amplo debate acerca de como deve ser o ensino da Geografia considerando tanto as recomendações expressas, quanto ao desenvolvimento pedagógico do processo de ensino e aprendizagem concreto realidade concreta das escolas brasileiras. O ensino da Geografia contempla empreender ao aluno uma visão integrada de diversos aspectos sociais e históricos tomando como ponto o Espaço geográfico. Como pode se constatar nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASÍLIA, 2006, p.46):

Seu objetivo é compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escalas (local,

regional, nacional e mundial). As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço, não como enumeração ou descrição de fatos que se esgotam em si mesmos, mas como processo de construção social.

Deste modo, o aluno será capaz de analisar e refletir, através da ciência geográfica, como acontecimentos, em outras áreas do mundo, pode influenciar diretamente em sua vida. Para tal, a função do professor de Geografia é de indiscutível importância, como acorda Castrogiovanni *apud* Santos (2009, p.26), “O professor de Geografia busca através do seu fazer pedagógico ampliar o conhecimento do aluno sobre o mundo, sobre as relações entre a sociedade e a natureza, das quais participa”.

Todavia, somente o fazer pedagógico do professor não vai despertar o interesse do aluno, diante de questões como escolas com estruturas precárias, falta de incentivo aos professores, especialmente com salários justos, o desejo de transformar a realidade do ensino fica adormecido. Então o que se constata são aulas baseadas na simples memorização, sem que haja uma correlação entre os fatos e a realidade dos alunos, em que “os professores e alunos são treinados a não pensar sobre e o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento” (OLIVEIRA, 1998b, p. 28).

De certo, o professor de Geografia tem os instrumentos para transformar a realidade, sendo capaz de causar a mudança esperada, mas tal questão é bem mais ampla e engloba o alicerce da instituição escola, não sendo exclusiva da Geografia, já que a escola se distancia da realidade dos alunos, passando a ser vista apenas como obrigação, não causando entusiasmo, como esclarece Castrogiovanni (2000, p.13):

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. [...] A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho [...]. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor [...].

Quando o professor não relaciona o cotidiano dos alunos com as aulas ministradas, deixa o ensino muito distante, tornando praticamente impossível a relação teoria-prática e a análise concreta do que é visto nas aulas.

Muitas vezes o professor é alvo de críticas pelo o uso excessivo do livro didático, ferramenta de grande utilização, mas diante da realidade das escolas brasileiras esta se torna a alternativa mais viável, se não a única. Outro fator, talvez o principal, que influencia

diretamente no interesse dos alunos é a desvalorização do professor perante a sociedade. O acesso fácil e rápido à informação nos dias atuais, através da internet, causa a sensação de que o professor não é tão necessário para se obter conhecimento. Selbach (2010a, p. 28) diz que:

[...] aluno é sempre curioso, mas vivendo tempos de internet, cercado de estímulos e de aparelhos eletrônicos, portadores de telefones celulares que sintetizam uma ferramenta de busca notável, geralmente não sente curiosidade pelas mensagens e pelos desafios que seu professor (ou professora) lhe propõe.

Realmente o acesso à informação está aberto, de forma mais fácil atualmente, mas o que torna a atuação da escola e do professor indispensável é justamente a possibilidade de interação com os alunos, pois uma informação sem contextualização não passará de um fato vazio.

É certo que a questão do fazer pedagógico vai muito além envolvendo diversas esferas como o Estado, a sociedade, a comunidade escolar entre outras, em que todas devem agir de forma integrada para que se possa ter uma escola pública de qualidade.

4 MÉTODOS DA PESQUISA

4.1 DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA

A abordagem do trabalho se deu através de pesquisa qualitativa, caracterizada por evitar números e utilizar a interpretação do discurso para entender a realidade social (BAUER; GASKELL, 2002), de modo a atingir um resultado mais satisfatório.

O ambiente que serviu de *lócus* para a pesquisa foi uma Escola Pública Estadual, situada na zona urbana da cidade de Campina Grande, a qual serviu, outrora, como campo para a prática de Estágio Supervisionando, no qual durante este momento, foram levantadas por vários alunos diversas questões acerca da disciplina de Geografia. Desta forma se fez necessário investigar de forma mais dinâmica a percepção dos mesmos acerca desta Disciplina, sendo o público escolhido os concluintes do ensino médio, por já terem transcorrido as várias etapas do ensino, possuindo desta forma fato que propiciou uma avaliação mais concreta e completa.

A referida Escola funciona desde a década de 1970 e atende a um grande número de alunos nos turnos da manhã, tarde e noite. De modo geral, a escola está bem cuidada, seu

espaço físico é bastante amplo dispondo de 22 salas de aula, todas com carteira suficiente para o número de alunos. Dispõe de uma biblioteca com um bom acervo, sala de informática com computadores ligados a *internet*, sala de vídeo e refeitório, no qual é servido lanche nos três turnos. O quadro de professores é suficiente, embora faltem funcionários em outros setores. A escola está inserida em vários programas de incentivo a cultura, a leitura, jogos escolares, semana de amostra pedagógica, entre outros. O prédio passou por algumas reformas nos últimos anos e atualmente necessita de manutenção nas suas dependências.

4.2 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

A formulação do questionário se deu de maneira sistemática em que as questões foram formuladas no intuito de avaliar a percepção dos alunos acerca das práticas da escola e do professor de Geografia, os conteúdos mais relevantes e as maiores dificuldades no aprendizado da disciplina.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2016 e aplicada a todos os alunos do 3º ano médio dos três turnos, totalizando uma população de 61 indivíduos. Previamente foi explanada a motivação para a realização da pesquisa, em um segundo momento foi solicitado que respondessem ao questionário, contendo seis perguntas objetivas e subjetivas, relacionadas ao ensino da Geografia. Todas as turmas mostraram-se bastante receptivas e a pesquisa aconteceu sem nenhum contratempo.

4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO

Para efetivar a correspondente pesquisa, optou-se pela utilização da análise de conteúdo, na qual o enfoque “[...] é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido” (FRANCO, 2005, p 13).

Após a coleta dos dados, através dos questionários, os mesmos foram tabulados e analisados, buscando desta forma, captar de maneira mais eficaz as mensagens contidas nas respostas, para tal foi feita uma pré-leitura do material coletado para apreender de forma geral os principais significados.

Posteriormente, foi utilizado como processo a categorização das mensagens contidas no questionário, através de um procedimento de agrupamento por tema, dos elementos detectados no discurso dos estudantes (FRANCO, 2005).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, através da análise dos dados, foi possível caracterizar a população de pesquisa. Observou-se, por exemplo, que a faixa etária dos alunos investigados se estende de 16 a 34 anos, tendo uma maior representatividade alunos entre 17 e 19 anos. Além disso, 67% desse universo é composto por mulheres.

Considerando o objetivo de classificar os conteúdos destacados pelos alunos como os mais e menos importantes relacionados a Disciplina, iniciou-se o processo de categorização associado a primeira parte do questionário.

Nesse processo, foi constatado que os alunos destacaram como temas mais importantes no estudo da Geografia o relevo, o capitalismo, a globalização, a economia e os mapas. Enquanto os temas destacados como os menos importantes foram geologia, clima, regionalização, espaço e geopolítica. A priori, percebe-se que alguns temas incidiram na percepção dos alunos como os mais e menos importantes simultaneamente (**Quadro 01**).

Vale ressaltar que houve a preocupação na representação dos níveis em que cada tema foi destacado como mais e menos importantes. Utilizando a metodologia desenvolvida por Silva Filho (2016), organizou-se este processo da seguinte forma: o tema destacado por até 15% dos alunos pesquisados, foi considerado de baixo nível de destaque. Os temas que tiveram uma representatividade de 16% a 50% foram classificados como médio nível, enquanto os temas ressaltados por mais de 50% da população de pesquisa foi considerado com alto nível de destaque.

Conteúdos considerados mais importantes		Assuntos considerados menos importantes	
Tema	Nível	Tema	Nível
Mapas	Alto	Geopolítica	Baixo
Capitalismo	Médio	Regionalização	Baixo
Globalização	Alto	Espaço	Médio
Economia	Médio	Geologia	Baixo
Relevo	Alto	Clima	Baixo

Legenda

Baixo	Baixo nível de relevância
Médio	Médio nível de relevância
Alto	Alto nível de relevância

Quadro 01: Temas destacados como mais e menos importantes relacionados a Geografia

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante desta perspectiva, a partir dos conteúdos destacados como os mais importantes, fica evidente que boa parte dos estudantes considera a Geografia diretamente ligada ao ensino dos mapas. O conteúdo destaca-se como um dos temas mais relevantes para a maioria dos alunos, sendo enfatizado em alto nível de destaque. Um aspecto interessante acerca desta questão, é que de acordo com várias pesquisas de educação em Geografia, como por exemplo a de Callai (1999), apontam os mapas como um conteúdo que, de modo geral, os professores apresentam grande dificuldade de trabalhar.

Ainda sobre os mapas, Castrogiovanni (2000), afirma sua importância significativa para o desenvolvimento de competências essenciais para os alunos, visto a necessidade de compreensão do espaço e sua correspondente decodificação. Sendo assim, a preocupação em torno desta questão se dá através da possibilidade deste conteúdo ter sido destacado pelas capacidades de entendimento dos alunos, ou por uma espécie de associação da Geografia a uma ciência dos mapas, pelo senso comum.

Ainda discutindo os temas destacados em alto nível, como os mais importantes, ressalta-se a globalização. Certamente este é um conceito bastante difundido nos dias atuais, embora nem todos os alunos compreendam integralmente seu sentido, que de acordo com Callai (2000), está na compreensão da organização mundial e de suas correspondentes transformações.

Logo, entender a atuação do capital e do Estado em relação a produção e circulação de produtos, bem como os interesses locais e globais que determinam tais relações, é um importante objetivo a ser seguido no desenvolvimento de um pensamento geográfico crítico nos alunos.

Nesse sentido, a globalização sendo destacada em alto nível no que tange a sua importância como conteúdo Geográfico é um aspecto positivo identificado nesta pesquisa, levando-se em conta, principalmente, os conhecimentos e percepções críticas integradas a este tema.

No que tange ao médio nível de destaque, só houve a representação do relevo. Pode-se inferir que este tema assume grande relevância na grade curricular do ensino de Geografia nos diferentes níveis escolares, o que pode justificar seu destaque. A associação dos fatores antrópicos sobre o relevo, a partir da própria mudança da paisagem, também pode ser um elemento apontado nesse mesmo direcionamento. Apesar deste tema incidir em médio nível de destaque, Bertolini e Valadão (2009) ressaltam que o relevo, no ensino da Geografia, precisa ser compreendido em sua plenitude, sendo um objeto abstrato à compreensão dos

alunos, apesar do fato de ser caracterizado pelos mesmos como um objeto constituinte da Geografia.

Em baixo nível de destaque, no que se refere aos assuntos mais importantes relacionados a Geografia, destacam-se a economia e o capitalismo, ambos ligados diretamente ao modo de vida contemporâneo, influenciando tanto os meios de produção, quanto os próprios comportamentos dos indivíduos.

A partir dessas indicações, enfatiza-se a necessidade do trabalho desses temas em uma perspectiva crítica da Geografia Nova, uma vez que o entendimento do sistema econômico predominante e dos seus efeitos não pode se restringir a uma base puramente conceitual e decorativa. Araújo Júnior (2009) aponta exatamente esses aspectos como os principais desafios ao desenvolvimento e eficácia do ensino da Geografia Econômica no Brasil.

Em contrapartida, constata-se outros temas surgidos como os menos importantes para o ensino da Geografia, de acordo com os alunos participantes da pesquisa. Em alto nível de destaque, encontra-se a geologia e o clima. Assim, a geologia que estuda a forma da terra e as modificações ocorridas durante toda a história, não desperta o interesse do alunado. Já o clima, que é uma grande preocupação do mundo inteiro atualmente, sobretudo por conta de tantas alterações nas últimas décadas, causada unicamente pela ação mal pensada do homem, através das grandes empresas, que muitas vezes visam apenas o alcance dos lucros, sem pensar nos problemas e consequências que toda população enfrentará, também esta entre os assuntos considerados menos importantes.

A priori, percebe-se uma resistência dos alunos, especialmente por assuntos relacionados a parte física da Geografia. Desta forma, evidencia-se que o problema no ensino de Geografia Física é amplamente discutido no meio científico, sendo esta área da Geografia percebida pelos alunos como complexa e difícil, conforme aponta Oliveira et. al, (2014), o que pode justificar o desinteresse pela área.

Evidenciando uma mudança de percepção quanto aos conteúdos menos importantes da Geografia, o espaço foi ressaltado em médio nível de análise. Reconhecendo o espaço como o principal objeto de estudo da ciência geográfica, constata-se que a partir deste destaque os alunos não conseguiram adquirir as competências necessárias nem para compreender o que a Geografia estuda. Segundo Silva e Silva (2012), a inviabilidade na compreensão das principais categorias geográficas pelos alunos, como é o caso do espaço, se dá principalmente pelo fato de não conseguirem instrumentalizar estes conceitos, não associando a sua realidade prática.

A Geopolítica e a regionalização, por fim, foram ressaltadas em baixo nível pelos alunos na mesma perspectiva. Assim, se os alunos estivessem cientes do significado desses temas, estariam indicando o conhecimento das relações entre Estados e nações, as formas de domínio e controle do território e o processo de divisão de áreas como os conteúdos menos importantes da Geografia (VESENTINI, 1986). Assim, entende-se que a interpretação das relações internacionais por parte dos alunos, bem como as suas capacidades de compreender a própria diferenciação de áreas são afetadas por essa visão, aspecto que precisa ser amplamente combatidos na prática pedagógica.

Ao analisar os conteúdos destacados pelos alunos como os menos e mais importantes da Geografia, bem como os seus diferentes pontos de vista acerca desta Ciência, percebe-se reduzidas competências e habilidades quanto ao desenvolvimento de um conhecimento conceitual e, sobretudo crítico da Geografia. Este fato, em tese, está atrelado a uma problemática muito maior que, na prática, compromete a qualidade do sistema de ensino, especialmente na realidade pública da educação do País.

Reconhecendo esta teia de questões envolvendo os problemas da educação brasileira, se buscou, em continuidade, identificar as principais dificuldades enfrentadas por estes alunos no processo ensino/aprendizagem a fim de se obter o entendimento do que condiciona seus conhecimentos acerca da Geografia.

Portanto, os alunos indicaram como as maiores dificuldades para a efetivação do processo ensino-aprendizagem a falta de aulas práticas e o uso exclusivo do livro didático. Além disso, um percentual destes, ressaltaram que acham o conteúdo complicado, enquanto outros, destacaram não ter dificuldade com a disciplina. Para facilitar o entendimento desta questão, este cenário de percepção dos alunos foi organizado no seguinte gráfico (**Figura 01**).

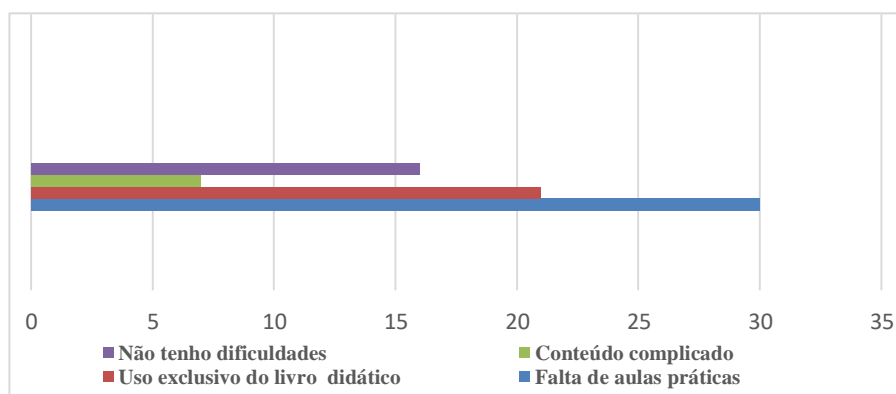


Figura 01: Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo ensino-aprendizagem da Geografia

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar o gráfico, percebe-se que o resultado de maior expressão entre os alunos, está relacionado a falta de aulas práticas, sendo esta a principal causa da dificuldade no aprendizado da disciplina. Esta é uma questão muito discutida no ensino da Geografia, visto a necessidade de desenvolver no aluno um tipo de aprendizagem pautada na observação e análise de determinado local e as diversas relações existentes, captando o sentido de tais relações, se percebendo, assim, como parte integrante do processo de construção do conhecimento (SELBACH, 2010ab).

De fato, deve-se reconhecer a relevância de tais indicações dos alunos, porém levando em conta a realidade da maioria das escolas públicas, em que não há condições para realização de atividades de campo, sobretudo por ausência de orçamento e estrutura, realmente fica comprometida a atuação do professor na promoção desse tipo de atividade necessária para a devida formação do aluno.

Outro ponto destacado pelos alunos como provável causa para a dificuldade no aprendizado, está na utilização exclusiva do livro didático. A questão do livro didático é inquietante, pois muitas vezes o que sobressai é o enfoque comercial apresentado a este recurso. Diversas editoras concorrem a um maior número de vendas, visando a quantidade de números alcançados, esquecendo-se da qualidade no conteúdo dos livros. Conforme Oliveira (1998a, p. 137) “[...] o livro didático tornou-se a ‘bíblia’ dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas.” Desta forma, a escolha do livro é um momento em que se deve ter muita cautela para não sucumbir aos apelos comerciais. Quanto ao uso exclusivo deste recurso, muitas vezes, também pode ser associado a ausência de outros materiais disponibilizados para o professor, ou de investimentos na formação continuado destes profissionais, ou de sua ação proativa em buscar mecanismos de mudança na sua atividade docente.

Alguns dos entrevistados afirmaram que o conteúdo da disciplina é muito complicado, sendo esta uma das principais dificuldades dos alunos no seu aprendizado. Esta complicação que os alunos ressaltam podem ser associadas a complexidade e variedade da ciência geográfica, que acaba abarcando tanto conteúdos humanos e discussivos, quanto conteúdos matemáticos e objetivos.

Marasca (2013) realizando um estudo acerca da dificuldade de se trabalhar com a disciplina no 6º ano, por exemplo, aponta que a complexidade dos conteúdos está inteiramente vinculada as diferentes influências das escolas geográficas nas práticas de ensino. Porém, precisa-se desenvolver práticas pedagógicas capazes de minimizar os

problemas relativos a basorvição e contrução destes conteúdos. Em contrapartida a este percepção supracitada, parte considerável dos alunos destacaram não apresentar dificuldades no aprendizado da Geografia, o que traz uma série de interrogações acerca desta situação controversa vivenciada na escola.

Por fim, buscou-se avaliar como os alunos percebem as práticas pedagógicas desenvolvidas para a disciplina na escola em questão. Optou-se pela análise destas questões tanto a partir da atuação específica do professor, quanto da escola enquanto instituição. Nesse sentido, organizou-se a percepção de como os alunos percebem a contribuição tanto do professor, quanto da escola no desenvolvimento de práticas pedagógicas que facilitam a aprendizagem. Assim, chegou-se a organização de um quadro de referência no qual na primeira coluna é apresentada a classificação da atuação do professor e na segunda coluna, da escola. Quantificou-se os alunos que destacaram estas contribuições como baixíssima, baixa, média e alta (**Quadro 02**).

Atuação do Professor(a)		Atuação da Escola	
Classificação	Nível em %	Classificação	Nível em %
Baixíssima	18	Baixíssima	31
Baixa	12	Baixa	41
Média	31	Média	25
Alta	39	Alta	3

Quadro 02: Classificação da atuação da escola e do professor de Geografia na promoção de práticas pedagógicas para o aprendizado

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere ao professor de Geografia, a maioria dos alunos classificou como alta a atuação dos mesmos no desenvolvimento de práticas que visem facilitar o seu aprendizado, o que corresponde a uma parcela de 39% dos estudantes. Desta forma, fica evidente a importância da efetiva participação do professor no processo ensino-aprendizagem da disciplina, bem como para os alunos se torna perceptível quando o professor encara o fazer pedagógico de maneira contundente e comprometida.

Selbach (2010b, p. 40) diz que “ um professor de Geografia verdadeiramente ensina quando ajuda seu aluno a aprender e, portanto, a se transformar, e também quando permite que seus alunos transformem informações em conhecimento”, assim, torna-se evidente que a

atuação do professor de Geografia é decisiva na formação dos alunos, de modo que se desenvolvam cidadãos.

Já ao que tange a atuação da escola para a promoção do aprendizado dos alunos, os resultados foram desanimadores, visto que mais de 70% dos alunos classificou sua atuação como baixíssima e baixa. Assim se torna notório que a escola, alvo da pesquisa, não participa ou não desenvolve mecanismos para corroborar como aprendizado dos alunos. A escola é o centro para desenvolvimento pessoal e cognitivo dos alunos, sendo a porta de entrada para a vida em sociedade, e quando a mesma falha, na percepção dos alunos, causa grande preocupação, uma vez que para um resultado satisfatório todas as esferas devem estar em harmonia, cumprindo seu papel através de uma gestão democrática e participativa.

Assim, entender inicialmente os temas mais e menos importantes da Geografia, na sequência, compreender as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo ensino aprendizagem e avaliar qual a percepção dos alunos acerca das práticas pedagógicas associadas a disciplina, correspondem a objetivos integrados que geraram resultados e uma discussão multifacetária. A complexidade que hoje envolve o processo ensino/aprendizagem na Geografia, assim, precisa de uma abordagem cada vez menos disciplinar e rígida, sendo esta pesquisa uma tentativa de desenvolver uma análise nesse sentido.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao final da pesquisa constatou-se que para a maioria dos alunos os conteúdos mais relevantes, no ensino da Geografia, estão ligados ao ensino dos mapas, tema que obteve um alto nível de destaque, assim como a globalização. Já para os conteúdos destacados como menos relevantes, boa parte dos alunos demonstrou certa resistência a chamada Geografia física, levando-se em conta que os temas destacados foram a geologia e o clima. Para esta questão ficou evidente que a maioria dos alunos não consegue perceber que o Espaço geográfico é o objeto de estudo da disciplina.

Apontado como a principal causa da dificuldade no aprendizado da disciplina, aparece a falta de aulas práticas, seguido pelo uso exclusivo do livro didático, estes fatores demonstram que para uma compreensão satisfatória do conteúdo deve ser incorporado ao ensino variados metodologias, para que desta forma, todos os alunos tenham suas competências para o efetivo aprendizado contempladas.

Por conseguinte, grande parte dos alunos, ressaltou que a atuação do professor de Geografia, é significativa no que tange a promoção de práticas que facilitem o aprendizado do alunado.

Sabe-se que o ensino da Geografia requer grande atenção, visto que as modificações no espaço geográfico são constantes e dinâmicas. O aluno tem que estar ciente destas modificações para que possa interpretar, de forma crítica, a realidade em que esta inserido.

Apesar de uma boa avaliação da atuação do professor no processo ensino-aprendizagem, muitos ressaltaram que a Geografia ainda permanece como uma disciplina decorativa e descritiva, sendo este um dos motivos da dificuldade no aprendizado e compreensão efetiva acerca da Geografia.

Diante da relevância e problemática que envolve as práticas no ensino da Geografia, o presente estudo buscou contribuir, ainda que de maneira modesta, para ampliar as possibilidades de pesquisa acerca do tema, podendo ser, inclusive um ponto de partida para o desenvolvimento de outras pesquisa mais complexas e abrangentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2008. 246 p.

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes. 2002 (Tradução de Pedrinho A. Guareschi.).

BERTOLINI, W.; VALADÃO, R.V. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. In: **Terrae Didática**. 2009. Disponível em: <<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/terraedidatica/article/view/1044>> Acesso em: 01 out. 2016.

BRABANT, J. M. Crise da Geografia, Crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p.15-23.

BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ciências Humanas e suas Tecnologias. 2006. 133p. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio).

PCN. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Ciências Humanas e sua Tecnologias. 2002. 104p. (**PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**)

CALLAI, H.C. A Geografia no ensino médio. In: **Terra Livre**. p. 60-99, 1999.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação. p. 83-134, 2000.

CASTRO, I. E. ; CORRÊA, R. L. ; GOMES, P. C. C. (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

FARJARDO, S. **A questão locacional e a Nova Geografia**. In: *Ambiência*. p.161-168, 2010.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. Ed. Brasília: Liber Livro, 2005. 79 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. Série formação do professor).

MARQUES, V. Reflexões sobre o ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **Partes**. 2008. Disponível em:
<http://www.partes.com.br/educacao/geografiafundamental.asp>. Acesso em: 07 set. 2016.

MELO, A. A; VLACH, V. R. F; SAMPAIO, A.C.F. História Da Geografia Escolar Brasileira: Continuando a Discussão. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia. Abr. 2006. Disponível em:
<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/eixo4.htm> Acesso em: 06 jun. 2016

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena historiagráfica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

OLIVEIRA, A. L. R.; DIAS, L. C. ; DUARTE, T.S.O ensino de geografia física: proposta de análise do extremo sul do rio grande do sul. **Pesquisar** . 2014. Disponível em:
<<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3226>> Acesso em: 12 out. 2016.

OLIVEIRA, A. U. (Org.). Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: _____ (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, p.135-144, 1998a.

_____. Situações e tendências da geografia. In: OLIVEIRA, A. U. (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, p.15-23., 1998b.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Coleção Milton Santos).

SANTOS, R. E. (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O Negro na Geografia do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009. 203p. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

A geografia escolar na percepção dos alunos de uma escola pública em Campina Grande-PB: algumas contribuições metodológicas para o ensino da geografia
MONTENEGRO, Jacicleide Gomes da Silva; SILVA FILHO, Antônio Pereira Cardoso

SELBACH, S. (Sup. geral). Motivação e curiosidade no ensino de Geografia. In: _____ . **Geografia e Didática**. Petrópolis: Vozes. p. 28-31, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar).

_____(Sup. geral). O que significa ensinar Geografia. In: SELBACH, S. **Geografia e Didática**. Petrópolis: Vozes. p. 40-44, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar).

SILVA, B. S. Introdução aos estudos sobre a Geografia, de Estrabão. In: **Mare Nostrum**. 2010. Disponível em:

<http://leir.fflch.usp.br/sites/leir.fflch.usp.br/files/upload/paginas/marenostrum-ano1-vol1-p71-83.pdf> Acesso em: 07 set. 2016

SILVA, M. S.; SILVA, E. G. O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. In: **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 2012.

Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_05/PDF/6.pdf Acesso em: 12 out. 2016

SILVA FILHO, A. P. C. **Desigualdades e iniquidades em saúde e a interface com o desenvolvimento**: Um estudo dos territórios de saúde em Campina Grande- PB. 2016. 98.f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

VESENTINI, J. W. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática. 1986.

Jacicleide Gomes da Silva Montenegro – Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Antônio Pereira Cardoso Silva Filho – Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor substituto do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Recebido para publicação em 16 de janeiro de 2018

Aceito para publicação em 08 de julho de 2018